

A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE CLÓVIS MOURA (1925-2003): A INTERDISCIPLINARIDADE E O PROTESTO NEGRO.

Wanessa Horrana F. da Silva
Mestranda em História – UFPB
wanessa_horrana@hotmail.com

Clóvis Moura é central na produção historiográfica nacional; basicamente, não se pode trabalhar o passado escravista brasileiro e nem a atualidade de preconceito e exclusão sem andar por sua obra, sugestiva e inovadora. Inovadora pelo aporte sistemático do marxismo e pela junção de etnia e classe; inovadora, sobretudo, pelo reencontro das formas de resistências que se faziam diuturnamente por parte dos escravos e sugestiva na medida que abre pistas e dá embasamento para novas pesquisas (ALMEIDA, 2003, p. 7).

Sendo um dos maiores intelectuais da causa negra no Brasil, Clóvis Steiger Moura, andou na fronteira do jornalismo, história e da sociologia. Nascido no interior do Piauí, na cidade de Amarante no ano de 1925, desde cedo já demonstrava predileção pela escrita, vindo de uma família de classe média, onde seu pai era funcionário público e exercia a função de fiscal de rendas, tendo inúmeras promoções durante a carreira e sua mãe apesar da sua família ter uma significância vida política na Bahia, não há no momento nenhuma informação sobre alguma participação da mesma nesses locais, ou se exercia alguma outra função, além de ser dona de casa. Filho de mãe branca e pai negro, Moura teve que lidar com algumas situações que foram cruciais em sua trajetória política e intelectual.

Após Moura mudar-se com a família para Natal no estado do Rio Grande do Norte em 1935, o intelectual teve contato pela primeira vez com uma escola formal. Instituição católica, o colégio Diocesano era responsável por educar a classe média e elite da política local. O colégio católico foi um marco importante na construção da liderança no qual Clóvis Moura exerceu durante sua vida, fundador e integrante do

grêmio estudantil Cívico-literário *12 de Outubro* e do jornal *O Potiguar*, é nesse mesmo jornal que aos 14 anos Clóvis Moura escreve seu primeiro artigo, intitulado *Libertas que será tamem*, que descrevia o movimento separatista da Inconfidência Mineira, no meio dos aspirantes a elite local. Moura não estava satisfeito apenas com a vida que o reserva, já que seu pai era funcionário público e amigo da elite política local.

Origem

Minhas origens não são somente terra e nuvem mas nascem de um povo, também, Não são apenas epiderme deslumbrada de sapos e serpentes. Têm cravos, Conversas, batizados e sentenças.

No pó deito meus pés de estranhas marchas e violentas carreiras. Quando o canto sobe, pressinto que a poeira chega E o som é áspero como se esperasse a dimensão do sol.

Quando no quarto, seguro o lado esquerdo sinto um estranho relógio equiparando-me às saudades. A solidão me faz rever a origem que construíram para mim bastante amarga

A vida é um rio (permitam-me a imagem) que leva no seu bojo as impurezas. Os parentes, os gostos, a memória, os remorsos, os tiques, os amores, A loucura, o silêncio e a malquerença, A vingança, o dilema, a lealdade, o medo, a vaga espera, o desencanto.

São sua água salobra de mistério. Aí me encontro. A música da noite diz dessa origem humilde. Qual espelho confidente, solerte, deslumbrado. Dizem que nas matrizes encontramos A sombra que ficou de quando éramos. É preciso esquecer canções de berço. É preciso esquecer os doces braços. É preciso esquecer mesmo o segredo que é nosso, apenas.

É preciso saber que na origem há o problema, Há o naco de espera, sofrida desventuras, As côdeas de amargura comidas em silencia Há o grito deglutido, o protesto sem eco, O labirinto, o claro o perceber que sofremos, a canção do vizinho E o pranto da família, a humilhação, a infâmia A corrupção do encanto e a morte da pureza

Na origem não há remorsos porque somos puros. Depois, do pó e da argila, do grito e do silêncio Construímos a capa em que nos envolvemos O resto são mortaldas de nós mesmo que persistem sem molduras ou diademas.

(MOURA, 1964, p. 13.)

Esse poema faz parte do livro *Argila da Memória* (1964), um livro de poemas, onde Clóvis Moura descreve sua infância em poesias, o convívio com seus familiares, tios, avós, primos e amigos, suas vivências nas margens do rio Parnaíba. Após passar o fim da infância e a adolescência em Natal, a família Steiger-Moura se muda para Salvador na Bahia, nesse período Moura e seu irmão Carlos fazem amizade com um círculo de intelectuais locais, nome como Vivaldo da Costa Lima¹, estava entre eles. Permeava entre os debates, a pauta política e literária, mesmo quando seu pai foi transferido para Juazeiro, interior da Bahia, Moura manteve contato com os amigos de Salvador, e foi no interior da Bahia em 1946, que o intelectual teve maior aproximação com o Partido Comunista do Brasil, sendo adepto das ideias de esquerda, Moura foi um militante, porém, no decorrer da sua trajetória o debate racial o afastou do partido, fazendo com que o mesmo se transferisse para o PC doB, foi eleito Deputado Estadual, mas teve sua candidatura cassada. Ainda na Bahia Moura ingressa na faculdade de direito, mas não conclui o curso e posteriormente obtém graduação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, no curso de Ciências Sociais, embora sua atividade profissional estivesse ligada muito fortemente ao Jornalismo.

Ainda na Bahia Moura fundou o jornal *O jacuba* em Juazeiro e fez parte do jornal *O momento*, diário do Partido Comunista do Brasil, fundado em 1945 e extinto em 1957, foi ali que Clóvis Moura aprendeu e aprofundou sua ideologia marxista, que levava para seus escritos, forma de pensar e agir. O jornalismo foi importantíssimo para a construção do primeiro livro de Clóvis Moura, *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas* (1959). A construção do livro começou em meados de 1949, quando Moura através de Darwin Brandão, que era no momento um dos responsáveis pelo jornal *Cadernos da Bahia*, que tinha como principal discussão a cultura afro-baiana, os dois por algum tempo se correspondiam por cartas, no qual Brandão apresentava o jornal e que o mesmo estava à disposição para Clóvis publicar seus

¹Vivaldo da Costa Lima, um dos maiores antropólogos brasileiros, baiano, professor Emérito da UFBA e autor de livros clássicos como *A família-de-santo nos candoblésjejes-nagôs da Bahia* e *Cosme e Damião: o culto dos santos gêmeos no Brasil e na África*.

artigos de crítica literária. Foi em uma dessas cartas que Clóvis Moura expressa sua vontade de pesquisar a população negra, e Darwin Brandão² viabiliza o contato com um dos antropólogos renomado da época, Edison Carneiro, além de informar a Moura sobre o jornal *O quilombo*, presidido por Abdias do Nascimento³, que tinha como assunto o negro no Brasil. É a partir daí que Moura inicia suas pesquisas e socialização para dar forma ao livro *Rebeliões da Senzala*, que teve como fonte principal o Arquivo Público da Bahia. É necessário e importante ressaltar, que o livro em questão foi editado cinco vezes, além da primeira edição em 1959 com a editora Zumbi, em São Paulo, o livro foi editado pela segunda vez em 1972, pela editora Conquista do Rio de Janeiro, em 1981, pela editora Ciências Humanas, também paulista, em 1988 pela editora porto alegre, Mercado Aberto e em 2014, pela editora paulista Anita Garibaldi.

Para além das cinco edições e algumas mudanças que o conteúdo do livro sofreu, é importante ressaltar a importância do mesmo para a historiografia, *Rebeliões da Senzala* marca a “ruptura dos estudos sobre a formação nacional, colocando o escravismo como categoria central da formação histórica brasileira”. (Almeida, 2003, p. 4). Ele é chave central que vai contrariar duas correntes persistentes na época, a construída por Gilberto Freyre, que colocava o escravismo com um sistema de conciliação e a assumida pela “escola paulista” que tinha como membro Fernando Henrique Cardoso, que tinha o escravo como vítima alienada e sem rumo do sistema.

Publicado em 1959, *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*, significou verdadeiro salto epistemológico na leitura do passado brasileiro, ao destacar inequivocamente o caráter escravista da antiga formação social brasileira e sua dominância pela contradição trabalhador escravizado *versus* senhor de escravo. Essa correta compreensão permitiu o autor apresentar, baseado sobretudo em informações esparsas conhecidas, o caráter sistêmico da resistência escrava no Brasil pré-1888. (MAESTRI, 2003, p. 54)

²Darwin Brandão Motta e Silva, escritor e jornalista baiano.

³Político, ativista social brasileiro, artista plástico, escritor, poeta e dramaturgo, Abdias do Nascimento é reconhecido como um dos maiores defensores da cultura e da igualdade para a população negra no Brasil. Fundou em 1944 o TEN – Teatro Experimental do Negro, que tinha como objetivo central combater o racismo, através da arte e da valorização de cultura afrodescendente.

João José Reis também tece considerações importantíssimas para a compreensão do que foi o livro *Rebeliões da Senzala* para a época: “Em ambas, a revolta, a resistência escrava de modo geral, tinha pouco ou nenhum papel na constituição do processo histórico. Ao intitular seu livro *Rebeliões da Senzala*, Clóvis dizia de cara, na capa, a que veio”(REIS, 2003, p. 75).

Rebeliões da Senzala é até hoje um dos mais importantes livros sobre o processo de formação social do Brasil e da luta dos escravizados por emancipação, Moura conseguiu através das suas inúmeras pesquisas demonstrar o caráter histórico-sociológico do seu livro.

Esta interdependência dialética só poderá ser compreendida, insistimos se tornarmos o quilombola não como termo morto ou negativo, mas como termo ativo e dinâmico. A compreensão do processo social, segundo esta forma de enquadramento, sofre uma reviravolta. Porque o escravo que tem sido apresentado até aqui como elemento positivo da sociedade escravista brasileira, é exatamente aquele que, conformado psicologicamente com a sua situação aceitava as formas tradicionais de trabalho que lhe eram impostas. Aceitando esse tipo de sujeição, ao desempenhar passivamente aquilo que lhe exigia a classe senhorial, ele contribuía poderosamente para que, no sentido global, o trabalho escravo fosse apresentado como forma de produção capaz de atender às solicitações da sociedade brasileira; eternamente. A posição crítica (embora inconsciente, fazemos questão de insistir) do quilombo, por seu turno, ao onerar o trabalho escravo no seu conjunto e ao desinstitucionalizá-lo, mostrava, de um lado, as falhas intrínsecas do escravismo e, ao mesmo tempo, mostrava as outros escravos a possibilidade de um tipo de organização do qual tal forma de trabalho não exista. [...] Nestes termos poderemos compreender com mais clareza o papel que os escravos rebeldes desempenharam. Não se trata de uma glorificação romântica. Trata-se de captar, dentro de um método sociológico dinâmico e não acadêmico, o sentido global de um processo: a passagem da escravidão para o trabalho livre (MOURA, 1981, p. 248).

Mesmo passado 60 anos da sua primeira publicação, *Rebeliões da Senzala* é até os dias atuais uma fonte primorosa não só para historiadores ou pesquisadores, mas para quem deseja conhecer a história da formação nacional. Movimento Negro de todo o Brasil utilizam a obra de Moura para ensinar e debater a questão racial. Em um momento em que precisamos reafirmar o óbvio, os escritos de Clóvis Moura são essenciais para se pensar em uma sociedade esclarecida, antirracista, justa e igualitária.

Conhecer a obra de Moura nos permite compreender o racismo contemporâneo e como as raízes do escravismo afeta a sociedade até os dias atuais. Por meio de suas pesquisas, entendemos a participação ativa e efetiva da população negra escravizada ou não por sua liberdade, seja na luta contra o modo de produção escravista, seja na luta contra um sistema que viola os direitos fundamentais e contribuiu para propagação de uma sociedade racista e desigual entre seus membros, excluindo até sua identidade, fazendo com que o ideal de branqueamento assumisse o loco central de suas vidas, introjetando a condição mais absurda a pessoas negras, que é perda da identidade e de como se colocar no mundo, afetando sua vida pessoal e profissional.

Num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência (MUNANGA, 2004, p.02).

As mudanças no Brasil acontecem em passos rasos e sem um profundo diálogo com a realidade da sociedade, o fim do regime escravista não transformou o país em um lugar de igualdade, a ruptura com a escravidão não resultou em políticas públicas voltadas para a melhoria da população negra como cidadão e agente ativo da sociedade, embora a resistência a luta da população negra tenha sido crucial para permanecerem vivos. Moura no diálogo que faz no livro *As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira* faz uma análise de como alguns dos mais importantes historiadores descrevem a sociedade brasileira, sobretudo a população negra. As bases de discussões que esses historiadores utilizaram por muitas vezes não é concentrado da diversidade étnica e social do país, sendo assim, não é uma visão real da sociedade. Uma visão elitizada e eurocêntrica que não coloca o negro como agente dinamizador do processo sócio-histórico da formação do país. É importante salientar que esse livro fez parte do projeto patrocinado pelo Ministério da Cultura, intitulado *História Geral do Negro no Brasil*,

assinado por Joel Rufino dos Santos⁴ e Décio de Freitas⁵. Moura analisa como uma imagem produzida em consequência e da necessidade de institucionalizar um perfil branco para sociedade.

O leitor poderá ver, durante a leitura do texto que se seguirá como há uma repetição de posições ideológicas em relação à população negra e não-branca em geral nos autores por nós analisados. Desde Frei Vicente até Oliveira Vianna o impasse do julgamento étnico permanece e chega mesmo a se agravar no último autor. Como vemos, não houve uma diluição do preconceito contra o negro à medida que novas teorias julgadas mais próximas de uma posição científica eram usadas, mas, pelo contrário, também essas novas teorias estavam impregnadas da ideologia colonialista, que passava por sobre a realidade para procurar confirmar estereótipos sem base empírica, completamente sem fundamento. Pelo contrário. Achamos mesmo, que em certos autores do passado há menos preconceito contra o negro do que nos mais modernos que inauguram uma fase cheia de cientificismo e que tem início com a obra de João Ribeiro em 1900, e termina com o autor de *Populações meridionais do Brasil*. (MOURA, 1990, p. 13).

Percebemos então o esforço de Clóvis Moura no decorrer do livro em demonstrar o caráter racista de historiadores conceituados no passado, nome como Varnhagen, Oliveira Vianna⁶, Euclides da Cunha e outros. Apesar de entender que alguns desses escritores viviam em tempos de compromisso com uma escrita colonialista, outros como Euclides da Cunha estavam em um processo diferente do deles e ainda sim, não introduzia o negro como um ser pensante e dono de si, mas reproduzia a literatura eurocêntrica e elitizada. Colocando o negro como o problema do subdesenvolvimento do país frente a outras nações. Portanto, no seu livro esse realiza um prognóstico teórico sobre como a população negra seria a causadora dessa condição de subalternidade da sociedade. É importante ressaltar que apesar do contexto histórico

⁴Joel Rufino Dos Santos, carioca, filho de Pernambucanos, foi professor, escritor e historiador, sendo um dos mais importantes nomes sobre a cultura africana no país. Combateu o racismo, foi perseguido pela ditadura e escreveu livros fictícios e não fictícios que debatem a questão racial no Brasil, bem como o processo de escravidão.

⁵Décio Bergamaschi Freitas, nascido no Rio Grande do Sul, foi um historiador e jornalista, pesquisador da escravidão, escreveu, *A Guerra dos Escravos, Cabanos - Os Guerrilheiros do Imperador, O Escravidismo Brasileiro e A Revolução dos Malês*.

⁶Francisco José de Oliveira Viana, foi sociólogo, jurista e historiador, fez parte da Academia de Letras Brasileira.

que viviam, não os eximem ou lhes dão uma imunidade para escrever e ter uma conduta racista, pois percebemos que na contemporaneidade ainda há aqueles que colocam o negro como inferior.

Toda essa antropologia alienadora foi assimilada pela nossa intelectualidade. E *Os sertões* é um dos exemplos de como a *intelligentsia* absorvia toda essa literatura, aparentemente científica, porém cuja finalidade era neutralizar a possibilidade de uma auto-análise dos povos dependentes a partir da categorias contestatórias à sua situação (MOURA, 1990, p. 185).

Perceber como a ideia de uma sociedade branca e livre de “raças inferiores” foi presente e que essa ideia se estrutura em um sistema forte e que flui bem e determina quem pode e quem não pode na sociedade, é fruto de um país que passou mais de 300 anos vivendo em um regime escravista e que até hoje, mesmo depois do processo do pós-abolição ainda não conseguiu mudar sua faceta racista. E, portanto, percebemos a importância da obra de Clóvis Moura para traçarmos um caminho que dialogue com nosso passado histórico e que nos permita modificar as estruturas vigentes. Embora nos últimos anos a obra de Moura esteja sendo revisitada, pesquisada e divulgada, ainda há um caminho muito grande pela frente, para que efetivamente a coloquemos em um patamar que a sociedade a perceba como um instrumento de aprendizagem do nosso passado histórico, e que a mesma não fique entre os muros da academia. Pois o próprio Clóvis Moura, era avesso ao intelectual de gabinete, para ele, o militante ou pesquisador deveriam se conectar com o povo, perceber a sociedade pela sociedade, e não apenas por números ou estatísticas.

Além de ter uma trajetória significativa no jornalismo, Moura se dedicou às questões sociológicas e históricas para compreender a sociedade, desmistificou mitos como a “democracia racial” e elaborou teorias como a práxis negra, que traduz do marxismo, a perspectiva da rebeldia, engajamento político e dinâmico do negro na luta pela sua emancipação, o tornando sujeito das suas conquistas. Seu caráter interdisciplinar moldou a forma como o mesmo realizou seus escritos, sempre buscando através da pesquisa demonstrar o caráter político e ativo da população negra formação nacional. É importante salientar que Clóvis Moura escreveu sobre outras questões, sendo ele ensaísta, poeta e um exímio literato, Moura transpirou arte, militância e

negritude. Portanto, fazer visível esse intelectual, é, sobretudo contemplar a sua vida e obra. Identificamos então que sua trajetória intelectual não se reduziu apenas a uma ou duas formações ou campos de conhecimentos, seu fazer histórico foi regido por uma contraposição a uma educação estatizada ou unilateral. Podemos considerar a partir do seu desenvolvimento histórico e na sua formação, que Moura se apoiou em métodos acumulados historicamente, e que refletiu diretamente nas suas pesquisas e teorias.

Embora Clóvis Moura tenha dado uma enorme contribuição para se entender o processo de formação nacional, as lutas por emancipação e a história do negro no Brasil, não vivenciamos nos debates acadêmicos e não acadêmicos a valorização da sua obra ou pessoa como deveria, isso se traduz pelo mesmo motivo que não visualizamos profissionais negros em determinadas áreas de conhecimento e trabalho, isso se configura no racismo do século XXI que se estrutura desde a escravidão, em momentos de fragilidade democrática precisamos reafirmar o óbvio e combater as visões que subjagam a luta da população negra no Brasil. A academia embora seja espaço diversos de cultura, etnia, pensamento ou religião ainda mantém no seu aparato governamental e estrutural o racismo institucionalizado, onde percebemos uma desigualdade no corpo docente da mesma, sendo em sua maioria professores e demais profissionais brancos. Percebemos algum esforço de profissionais que colocam em discussão autores não eurocêntricos nas leituras e debates, fazendo assim com que o processo formativo seja plural e diversificado, embora nos últimos anos houve um maior acesso da população negra a esses espaços, ainda há um caminho longo a se percorrer, sobretudo quando direitos garantidos estão se perdendo devido a um retrógrado posicionamento de governantes que não estão preocupados com a realidade brasileira. Portanto, precisamos buscar nas trajetórias de resistência, tão bem descritas na obra de Moura, exemplos que nos inspire e nos ensine a lutar contra a invisibilidade, exclusão e, sobretudo contra o racismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. (Org.). **O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clóvis Moura**. Maceió: EDUFAL, 2003.

DE SOUZA, G. O. **Rebeliões da senzala: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MESQUITA, Erika. **Clóvis Moura e a sociologia da Práxis**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, no 3, 2003, p. 557-577.

MOURA, Clóvis. **Argila da Memória**. São Paulo: Editora Fulgor, 1964.

MOURA, Clóvis. **As injustiças de Clio o negro na historiografia brasileira** Coleção Nossa terra: o negro na historiografia brasileira. Oficina de livros, 1990.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. **Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra**. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Rio de Janeiro. 2009.

_____. **Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira**. 2002.

_____. **Modernidade, política e práxis negra no pensamento de Clóvis Moura**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.1, p.4564.

MOURA, Clóvis. **As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira**. Coleção Nossa terra: Oficina de livros, 1990.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

_____. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2014.

_____. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas.** Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1972.

_____. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas.** São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

_____. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas.** Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1988.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.